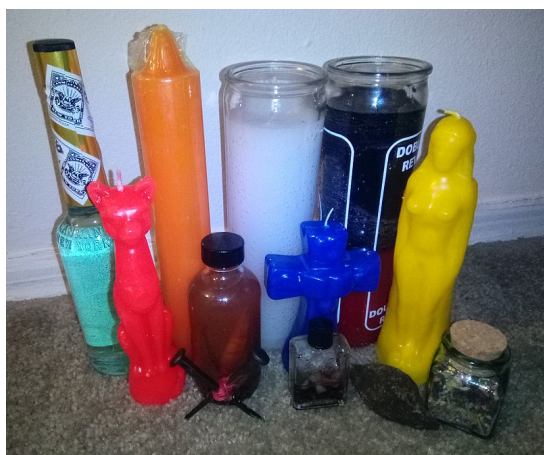


Ave, Cesar! Após um longo período sem nenhum artigo decidimos trazer um pouco da historia do Hoodoo, este artigo servirá como contexto para o artigo á seguir que trará um feitiço Hoodoo muito conhecido entre os caçadores mais experientes; o Pó Goopher. como de costume decidimos abordar o que é o Hoodoo e como ele surgiu entre os escravos e negros livres nos séculos 16 á 19.

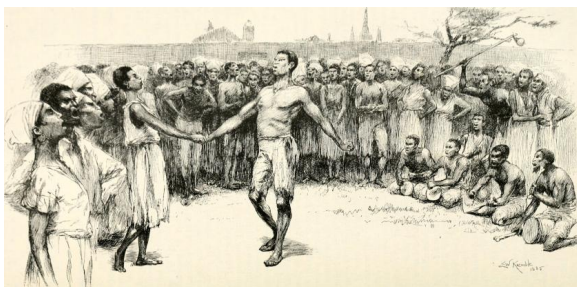


Yvonne Chireau diz: “Hoodoo é uma tradição afro-americana que faz uso de elementos naturais e sobrenaturais para criar e efetuar mudanças na experiência humana.” Hoodoo foi criado por afro-americanos, que estavam entre os mais de 12 milhões de africanos escravizados de vários grupos étnicos da África Central e Ocidental que foram transportados para as Américas dos séculos 16 a 19 (1514 a 1867) como parte do comércio transatlântico de escravos . O comércio transatlântico de escravos para os Estados Unidos ocorreu entre 1619 e 1808, e o comércio ilegal de escravos nos Estados Unidos ocorreu entre 1808 e 1860. Entre 1619 e 1860, aproximadamente 500.000 africanos escravizados foram transportados para os Estados Unidos.

Da África Central, Hoodoo tem influência mágica Bakongo da religião Bakongo incorporando o cosmograma do Kongo, como também Simbi e práticas Nkisi e Minkisi. A influência da África Ocidental é o Voodoo do povo Fon e Ewe no Benin e no Togo, seguindo alguns elementos da religião iorubá. Após o contato com comerciantes de escravos e missionários europeus, alguns africanos se converteram voluntariamente ao cristianismo, enquanto outros africanos escravizados foram forçados a se tornarem cristãos, o que resultou em uma sincretização das práticas e crenças espirituais africanas com a fé cristã.

Africanos escravizados e livres aprenderam conhecimentos botânicos indígenas regionais depois de chegarem aos Estados Unidos. A extensão em que o Hoodoo poderia ser praticado variava de acordo com a região e o temperamento dos proprietários de escravos. Por exemplo, o povo Gullah da costa sudeste experimentou um isolamento e uma relativa liberdade que permitiram a retenção de várias práticas culturais tradicionais da África Ocidental. Povo Gullah e afro-americanos escravizados no Delta do Mississippi, onde a concentração de escravos era densa, o Hoodoo era praticado sob uma grande cobertura de sigilo.

A razão do sigilo entre os afro-americanos escravizados e livres era que os códigos escravistas proibiam grandes reuniões de negros escravizados e livres. Os proprietários de escravos experimentaram como a religião escravista que desencadeou revoltas de escravos entre negros escravizados e livres, e alguns líderes de insurreições de escravos eram ministros negros ou médicos conjuradores.



Durante o comércio de escravos, a maioria dos centro-africanos importados para Nova Orleans, Louisiana, eram pessoas Bakongo. Esta imagem foi pintada em 1886 e mostra afro-americanos em Nova Orleans apresentando danças da África na Praça Congo . A Praça Congo era onde os afro-americanos praticavam o vodu e o Hoodoo.

O Code Noir foi implementado em 1724 na Louisiana colonial francesa . Regulava a vida de pessoas escravizadas e livres e proibia que os africanos escravizados praticassem as suas religiões tradicionais. O Artigo III do Code Noir afirma: “Proibimos qualquer exercício público de qualquer religião que não seja a católica”. O Código Noir e outras leis escravistas resultaram em afro-americanos escravizados e livres para conduzir suas práticas espirituais em áreas isoladas, como florestas (portos silenciosos), igrejas e outros lugares.

Os escravos criaram métodos para diminuir o barulho quando praticavam sua espiritualidade. Em uma narrativa de escravos do Arkansas, os escravos oravam sob potes para diminuir o barulho e evitar que os brancos próximos os ouvissem na igreja. Um ex-escravo no Arkansas chamado John Hunter disse que os escravos iam para uma casa secreta que só eles conheciam e viravam as panelas de ferro para cima e o proprietário de escravos não conseguia ouvi-los. Os escravos também colocavam gravetos sob as panelas a cerca de trinta centímetros do chão para diminuir o ruído, à medida que o som que faziam durante os rituais entrava nas panelas.



O ex-escravo e abolicionista William Wells Brown, escreveu em seu livro, *My Southern Home, or, The South and its people* publicado em 1880, que discutiu a vida dos escravos em St. Brown gravou uma cerimônia secreta de Voodoo à meia-noite na cidade de St. Escravos circulavam em torno de um caldeirão, e uma rainha do Vodou tinha uma varinha mágica, e cobras, lagartos, sapos e outras partes de animais eram jogados no caldeirão. Durante a cerimônia ocorria a possessão espiritual. Brown também registrou outras práticas de conjuração (Hoodoo) entre a população escravizada.

Os africanos escravizados na América mantiveram a sua cultura africana. Os estudiosos afirmam que o Cristianismo não teve muita influência sobre alguns dos africanos escravizados, pois eles continuaram a praticar suas práticas espirituais tradicionais, e o Hoodoo foi uma forma de resistência contra a escravidão por meio da qual os africanos

escravizados escondiam suas tradições usando a religião cristã contra seus proprietários de escravos.

Este ramo do cristianismo entre os escravizados foi escondido dos proprietários de escravos em “igrejas invisíveis”. As igrejas invisíveis eram igrejas secretas onde os afro-americanos escravizados combinavam o Hoodoo com o Cristianismo. Ministros negros escravizados e livres pregaram a resistência à escravidão e ao poder de Deus por meio de louvor e adoração e os rituais Hoodoo libertariam os escravos da escravidão.

William Edward Burghardt Du Bois (WEB Du Bois) estudou igrejas afro-americanas no início do século XX. Du Bois afirma que os primeiros anos da igreja negra durante a escravidão nas plantações foram influenciados pelo vodu. Os registros da igreja negra no final do século XIX até o início do século XX no Sul registraram vários membros da igreja praticando conjuração e combinando conceitos espirituais cristãos e africanos para prejudicar ou curar membros de sua comunidade.



Potes de mel ou potes de adoçante são uma tradição no Hoodoo para adoçar uma pessoa ou situação a favor de uma pessoa. Tradicionalmente é usada água com açúcar.

Os feitiços Hoodoo conhecidos datam da era da escravidão na história colonial dos Estados Unidos . Uma revolta de escravos eclodiu em 1712 na Nova Iorque colonial , com africanos escravizados se revoltando e incendiando edifícios no centro da cidade. O líder da revolta foi um mágico africano livre chamado Pedro, o Médico, que fez um pó mágico para os escravos esfregarem no corpo e nas roupas para sua proteção e fortalecimento.

Os africanos que se revoltaram eram o povo Akan de Gana. Os historiadores sugerem que o pó feito por Pedro, o Doutor, provavelmente incluía alguma terra de cemitério para conjurar os ancestrais para fornecer apoio militarista espiritual dos espíritos ancestrais como ajuda durante a revolta dos escravos. O povo Bakongo na África Central incorpora terra de cemitério em sacos de conjuração minkisi para ativá-lo com espíritos ancestrais, e durante o comércio de escravos o povo Bakongo foi trazido para a Nova York colonial.

A revolta de escravos em Nova Iorque de 1712 e outras nos Estados Unidos mostraram uma mistura de práticas espirituais da África Ocidental e Central entre os negros escravizados e livres. Sacos de conjuração, também chamados de sacos mojo, foram usados como forma de resistência contra a escravidão. Na década de 1830, os marinheiros negros dos Estados Unidos utilizavam conjuração para viagens marítimas seguras. Um marinheiro negro recebeu um talismã de uma mulher Obi (Obeah) na Jamaica. Este relato mostra como os negros americanos e jamaicanos compartilhavam sua cultura de conjuração e tinham práticas semelhantes. Os negros livres nos estados do norte tinham clientes brancos e negros em serviços de adivinhação e conjuração.

Nas narrativas de escravos do Alabama, foi documentado que ex-escravos usavam terra de cemitério para escapar da escravidão na Ferrovia Subterrânea. Os que buscavam a liberdade esfregavam terra de cemitério na sola dos pés ou colocavam terra de cemitério em seus rastros para evitar que os cães dos caçadores de escravos rastreassem seu cheiro. A ex-escrava Ruby Tartt, do Alabama, disse que havia um mágico que poderia “Enganar os cachorros”.

Um mágico escravizado poderia causar confusão nos cães do caçador de escravos, o que impedia os brancos de capturar escravos fugitivos. Os escravos mastigavam e cuspiam o suco das raízes perto de seus escravizadores secretamente para acalmar as emoções dos proprietários de escravos, o que impedia as chicotadas. Os escravos dependiam de mágicos para evitar chicotadas e serem vendidos mais ao sul.

A história de uma ex-escrava, Mary Middleton, uma mulher Gullah das Ilhas Marítimas da Carolina do Sul, contou sobre o incidente de um proprietário de escravos que estava fisicamente enfraquecido por conjuração. Um proprietário de escravos espancou gravemente um de seus escravos. O escravo que ele espancou foi para um mágico e o mágico enfraqueceu o proprietário de escravos ao pôr do sol. Middleton disse: “Assim que o sol se

pôs, ele também caio.. o bruxo fez isso.” O bispo Jamison nasceu escravizado na Geórgia em 1848 e escreveu um relato autobiográfico de sua vida.

Em uma plantação na Geórgia, havia um homem Hoodoo escravizado chamado Tio Charles Hall, que prescrevia ervas e amuletos para os escravos se protegerem dos brancos. Hall instruiu os escravos a untar raízes três vezes ao dia e mastigar e cuspir raízes em direção a seus escravizadores para sua proteção.

Outra história de escrava falava sobre uma mulher escravizada chamada Velha Julie, que era uma conjuradora e era conhecida entre os escravos da plantação por conjurar a morte. A velha Julie conjurou tanta morte que seu senhor de escravos a vendeu para impedi-la de matar pessoas na plantação com conjuração. Seu escravizador a colocou em um barco a vapor para levá-la ao seu novo proprietário de escravos no Extremo Sul.

De acordo com as histórias de libertos após a Guerra Civil, a Velha Julie usou seus poderes de conjuração para virar o barco a vapor de volta para onde o barco estava atracado, o que forçou seu proprietário de escravos que tentou vendê-la a mantê-la sob seu regime.



Frederick Douglass , um ex-escravo, abolicionista e autor, escreveu em sua autobiografia que buscou assistência espiritual de um mágico escravizado chamado Sandy Jenkins. Sandy disse a Douglass para segui-lo até a floresta, onde encontraram uma raiz que Sandy disse a Douglass para carregar no bolso direito para evitar que qualquer homem branco o chicoteasse.

Douglas carregava a raiz no lado direito, instruído por Sandy, e esperava que a raiz funcionasse quando ele voltasse para a plantação. O cruel violador de escravos, Sr. Covey, disse a Douglass para fazer algum trabalho, mas quando o Sr. Covey se aproximou de Douglass, Douglass teve força e coragem para resistir ao Sr. Covey nunca mais incomodou Douglass. Em sua autobiografia, Douglass acreditava que a raiz que Sandy lhe deu o impediu de ser chicoteado pelo Senhorio. Conjure for African Americans é uma forma de resistência contra a supremacia branca.

Os mágicos afro-americanos eram vistos como uma ameaça pelos americanos brancos porque os escravos procuravam mágicos livres e escravizados para receber amuletos de proteção e vingança contra seus proprietários de escravos. Os negros escravizados usaram o Hoodoo para fazer justiça nas plantações americanas, envenenando proprietários de escravos e conjurando a morte de seus opressores.



Paschal Beverly Randolph

Durante a era da escravidão, o ocultista Paschal Beverly Randolph começou a estudar o ocultismo e viajou e aprendeu práticas espirituais na África e na Europa. Randolph era um homem negro mestiço e livre que escreveu vários livros sobre o ocultismo. Além disso, Randolph era um abolicionista e se manifestava contra a prática da escravidão no Sul.

Após a Guerra Civil Americana, Randolph educou libertos em escolas para ex-escravos chamadas Freedmen's Bureau Schools em Nova Orleans, Louisiana, onde estudou Voodoo e Hoodoo da Louisiana em comunidades afro-americanas, documentando suas descobertas em seu livro, Seership, The Magnetic Mirror. Em 1874, Randolph fundou uma organização espiritual chamada Brotherhood of Eulis no Tennessee. Através de suas viagens, Randolph

documentou as contínuas tradições africanas no Hoodoo praticadas pelos afro-americanos no sul.

Randolph documentou dois homens afro-americanos de origem Kongo que usaram práticas de conjuração Kongo um contra o outro. Os dois conjuradores vieram de um navio negreiro que atracou em Mobile Bay em 1860 ou 1861. O Hoodoo se espalhou pelos Estados Unidos quando os afro-americanos deixaram o delta durante a Grande Migração.

À medida que os afro-americanos deixaram o Sul durante a Grande Migração, eles levaram a prática do Hoodoo para outras comunidades negras no Norte. Benjamin Rucker, também conhecido como Black Herman, prestou serviços de Hoodoo para afro-americanos no Norte e no Sul quando viajou como mágico de palco.

Benjamin Rucker nasceu na Virgínia em 1892. Rucker aprendeu magia de palco e conjuração com um afro-americano chamado Príncipe Herman (Alonzo Moore). Após a morte do Príncipe Herman, Rucker mudou seu nome em homenagem ao seu professor para Black Herman. Black Herman viajou entre o Norte e o Sul e prestou serviços de conjuração em comunidades negras, como leitura de cartas, elaboração de tônicos para a saúde e outros serviços. No entanto, as leis de Jim Crow empurraram Black Herman para o Harlem, a comunidade negra de Nova York, onde ele administrava seu próprio negócio Hoodoo e fornecia serviços de rootwork para seus clientes.

Para alguns afro-americanos que praticavam rootwork, fornecer serviços de conjuração na comunidade negra para que os afro-americanos obtivessem amor, dinheiro, emprego e proteção da polícia era uma forma de ajudar os negros durante a era Jim Crow nos Estados Unidos, para que os negros possam conseguir emprego para sustentar suas famílias e para sua proteção contra a lei.

À medida que os negros viajavam para as áreas do norte, os rituais Hoodoo foram modificados porque não havia muitas áreas rurais para realizar rituais em florestas ou perto de rios. Portanto, os afro-americanos improvisaram seus rituais dentro de suas casas ou em áreas isoladas da cidade. As ervas e raízes necessárias não eram colhidas na natureza, mas compradas em lojas espirituais. Essas lojas espirituais próximas aos bairros negros vendiam produtos botânicos e livros usados no Hoodoo moderno.

Após a Guerra Civil Americana até os dias atuais com o movimento Black Lives Matter, as práticas Hoodoo na comunidade afro-americana também se concentram na proteção espiritual contra a brutalidade policial. Hoje, o Hoodoo e outras religiões tradicionais africanas estão presentes no movimento Black Lives Matter como um dos muitos métodos contra a brutalidade policial e o racismo na comunidade negra.

Os palestrantes negros americanos que são praticantes do Hoodoo falaram em um evento no Departamento de Artes e Humanidades da Universidade Estadual da Califórnia sobre a importância do Hoodoo e de outras tradições espirituais africanas praticadas em movimentos de justiça social para libertar os negros da opressão.

Os afro-americanos em várias religiões da diáspora africana curam espiritualmente as suas comunidades, estabelecendo centros de cura que proporcionam cura emocional e espiritual da brutalidade policial.

Além disso, altares com velas brancas e oferendas são colocados em áreas onde um afro-americano foi assassinado pela polícia, e cerimônias de libação e outras práticas espirituais são realizadas para curar a alma que morreu devido à violência racial.

Os afro-americanos também usam o Hoodoo para proteger as suas propriedades da gentrificação nos seus bairros e em locais que são considerados sagrados para as suas comunidades. Na Ilha Daufuskie, Carolina do Sul, no início do século XX, um praticante de Hoodoo, Dr. Buzzard, lançou uma maldição sobre uma empresa em desenvolvimento que continuou a construir propriedades nos cemitérios Gullah, onde os ancestrais de Buzzard estão enterrados.

Segundo moradores locais, por causa da maldição a empresa e outras pessoas que a seguiram nunca conseguiram construir propriedades na área e o proprietário da empresa teve um ataque cardíaco.

Moradores de Frenier, Louisiana, acreditam que o furacão de 1915 que destruiu a cidade foi previsto por uma senhora Hoodoo chamada Julia Brown, que cantou uma música em sua varanda dizendo que levaria a cidade com ela quando morresse porque foi maltratada pelas pessoas da região depois que ela os ajudou.

Referencias

Raboteau, Albert (2004). *Slave Religion: The "Invisible Institution" in the Antebellum South*. Oxford University Press. ISBN 978-0-19-802031-8.

Young, Jason (2007). *Rituals of Resistance: African Atlantic Religion in Kongo and the Lowcountry South in the Era of Slavery*. Louisiana State University Press. ISBN 978-0-8071-3719-2.

Anderson, Jeffrey (2015). *The Voodoo Encyclopedia Magic, Ritual, and Religion*. ABC-CLIO. p. 125. ISBN 9781610692090.

Hazard-Donald, Katrina (2013). *Mojo Workin The Old African American Hoodoo System*. University of Illinois Press. pp. 38-41. ISBN 9780252094460.

Hazard-Donald (2011). "Hoodoo Religion and American Dance Traditions: Rethinking the Ring Shout" (PDF). *Journal of Pan African Studies*. 4 (6): 195. Retrieved 23 September 2023.

"hoodoo | Origin and meaning of hoodoo by Online Etymology Dictionary". *www.etymonline.com*. Retrieved 2021-09-23.